

OS KINIKINAU: DADOS HISTÓRICOS, VOCABULARES E LINGÜÍSTICOS

Dercir Pedro de OLIVEIRA (UFMS)

Miriam Moreira ALVES (SEMS)

RESUMO: O presente trabalho tem o objetivo de divulgar algumas informações sobre o grupo Kinikinau, ressaltando dados históricos, aspectos do vocabulário da comunidade e tipologia lingüística.

Palavras-chave: kinikinau histórico vocabulário

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar o povo Kinikinau deve-se ao fato de que poquíssimas são as informações sistemáticas sobre o referido grupo. O que se sabe é que pertence à família lingüística Aruak, que é composta por dezessete línguas, entre elas a língua Terena, presente no Estado de Mato Grosso do Sul. (Seki, 1999: 260).

Para a realização deste trabalho, fez-se necessário o desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica para levantamentos de dados históricos sobre este povo, uma vez que os Kinikinau foram registrados como extintos por estudiosos como Darci Ribeiro e Roberto de Oliveira em 1976 e a realização de entrevistas para o entendimento sobre sua trajetória até os dias de hoje.

Este trabalho teve como objetivo levantar alguns dados sobre o perfil histórico dos integrantes da comunidade, ressaltando, ainda, aspectos vocabulares e lingüísticos tipológicos. A pesquisa de campo foi realizada com nove pessoas, o equivalente a cinco por cento da população Kinikinau, residentes na aldeia São João, território indígena Kadiwéu, localizado no município de Porto Murtinho, local onde se encontra a maior concentração de índios dessa etnia.

A princípio, foi estabelecido contato com o índio kinikinau Inácio Roberto, formado em curso de magistério na Aldeia Bodoquena, representante dos professores Kinikinau no comitê de Educação Escolar Indígena, a quem manifestamos o interesse pela pesquisa e solicitamos parecer sobre a possibilidade de sua realização. Após sua anuência, solicitamos informações quanto aos procedimentos necessários para a realização da pesquisa em sua comunidade e apoio quanto à indicação das pessoas a serem entrevistadas.

A coleta de dados foi iniciada a partir do momento em que foram indicados duas jovens, uma com 13 anos, a outra com 12 anos e um jovem com 13 anos, todos

alunos da escola da Aldeia São João; três professores, sendo um com 41 anos, outro com 30 anos e outro com 36 anos e três senhoras: uma com 76 anos, outra com 72 e a terceira não soube dizer a idade, mas estima-se idade aproximada de 70 anos também. As entrevistas foram realizadas em particular com cada um dos entrevistados, para garantir autonomia e autenticidade das respostas.

Ex positis, foram entrevistadas três pessoas com idade inferior a 15 anos, três pessoas com idade entre 20 e 44 anos e três pessoas com idade superior a 45 anos, número de informantes correspondente a 5% do total de índios Kinikinau, habitantes da Aldeia São João, no município de Porto Murtinho, ao sul do Pantanal, distante 468 km de Campo Grande.

KINIKINAU: DADOS HISTÓRICOS

Em Mato Grosso do Sul, há uma das maiores populações indígenas do país, composta por nove diferentes etnias: Atikum, Guaraní Kaiowá, Guaraní Nandeva, Guató, Kadiwéu, Kamba, Kinikinau, Ofaié e Terena, distribuídas por vários municípios.

Cada um desses povos traz uma bagagem histórica e cultural com suas peculiaridades. Segundo Cabral, (2002: 33):

trata-se de grupos com histórias seculares de contato com a sociedade envolvente, o que, de certa maneira, explica a inserção destes povos, com um razoável grau de permeabilidade na sociedade brasileira, com diversas estratégias de resistência cultural, em suma, com formas bem definidas de enfrentamento, resolução ou fuga de conflitos, pelas quais conseguem equilibrar-se no fio da navalha representada pelas alternativas de contato propostas pelas elites dominantes.

A maioria é oficialmente reconhecida e possui território próprio, mas há três grupos que ainda se encontram em fase de reconhecimento: Os Atikum, oriundos de Pernambuco, vivendo em território indígena Terena, no município de Nioaque; os Kamba, oriundos da Bolívia, vivendo atualmente na periferia de Corumbá e os Kinikinau, em sua maioria residindo na Aldeia São João, Território Indígena Kadiwéu, município de Porto Murtinho, cujas fontes de renda são a pecuária e o turismo de pesca.

Os Kinikinau pertencem à família lingüística Aruak e descendem dos Txané-Guaná, assim como os Terena (ou Etelenoé), Exhoaladi e Laiana. Os pesquisadores Giovani José da Silva e José Luiz de Souza (2004), no texto Os Kinikinau em Mato Grosso do Sul: (in)visibilidade de um grupo indígena, afirmam que:

No Relatório da Diretoria Geral dos Índios de 1872, Francisco José Cardoso Júnior revelou que existiam cerca de mil Kinikinau dispersos por Albuquerque e Miranda, cujas características eram a de serem exímios agricultores e de alugarem seus serviços aos não índios.

Assim, até o século XIX, eram numerosos. O grupo atualmente é constituído de mais ou menos 180 pessoas residentes na Aldeia São João.

Em documento datado de 1847, portanto anterior ao já citado, o primeiro Diretor Geral de Índios da Província de Mato Grosso, Senhor Joaquim Alves Ferreira, assim descrevia os Guaná”:

“7- Guanás – As quatro tribos de se compõem esta nação (Terena, Kiquinao, Echoaladi e Laiana) pouco ou nada diferem entre si quanto ao modo de existência; seus costumes são mansos e pacíficos e hospitaleiros; vivem reunidos em aldeias mais ou menos populosas e muitos deles se ajustam para serviços de toda espécie em diversos pontos da Província e mormente para a navegação fluvial. Sustentam-se da caça e da pesca, mas principalmente da carne de vaca e dos produtos de sua lavoura. Cultivam milho, mandioca... arroz, feijão, cana, batatas, hotaliças e igualmente todos os gêneros de agricultura do país. As suas colheitas não só chegam para seu consumo como lhes resta um excedente que vendem a dinheiro ou permutam por diversas fazendas, ferramentas, aguardente, espingardas, pólvora, chumbo e quinquilharias e bem assim gado vacum e cavalos de cuja criação se ocupa. Fiam, tecem e tingem o algodão e a lã do que fazem ótimas redes, panos, cintos e suspensórios e quase todos entendem o nosso idioma estão em estado de se curar de sua educação intelectual e religiosa.

Da tribo que conserva o nome de Guaná, há uma aldeia junto à Freguesia de Albuquerque e outra na margem do rio Cuiabá.

8 – Guaná Kinikináo: em número de perto de oitocentos, vivem em uma outra aldeia de Mato Grande distante três léguas do poente de Albuquerque; existe outra aldeia de duzentos indivíduos nas imediações de Miranda.

9 – Guaná Terenas: vivem aldeados nas imediações do Presídio de Miranda.

10 – Guaná Laianas: habitam também na vizinhança do mesmo Presídio”.

Até o século XIX, antes da Guerra do Paraguai, estes povos possuíam sua identidade étnica. Com a deflagração da Guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança, ocorrida justamente na região onde moravam, os grupos se dispersaram para defenderem-se de ataques, pois eram aliados dos brasileiros, buscando refúgios em regiões inacessíveis.

A participação dos Guaná na Guerra supracitada foi significativa, pois sendo exímios agricultores e residindo na região do conflito, forneciam víveres para os soldados,

sem contar que muitos índios lutaram junto aos demais brasileiros para garantirem o território e a soberania nacional.

Com o término da Guerra, houve mudanças na maneira de viver desses povos, inclusive suas relações com a população regional. Ao tentarem retornar para seus territórios tradicionais, os índios os encontraram ocupados por aventureiros oriundos de várias partes do país. O relacionamento entre os invasores e os índios locais ocorria de maneira pouco amistosa. Prevalencia o preconceito e a discriminação, os invasores ignoravam a importante contribuição dos índios Guaná na Guerra do Paraguai, e os denominavam pejorativamente de “bugres”.

Conforme depoimento do professor João Anastácio, (comunicação pessoal, 2004), índio Kinikinau, *como não tinham como retornar para suas terras tradicionais, muitos índios Kinikinau foram trabalhar nas fazendas da região e residiam com suas famílias nas propriedades onde trabalhavam.*

Reagrupados pelo Serviço de Proteção ao Índio, SPI, órgão oficial responsável pela execução da política indigenista, os índios Kinikinau não tiveram respeitada sua identidade étnica.

Como dentre os Guaná o povo Terena era o mais numeroso, pode ter ocorrido casamentos interétnicos entre Terena, Kinikinau, Laiana, Exoaladi e casamentos monoétnicos, porém as crianças nascidas destas uniões, independente de sua etnia, eram registradas pelos funcionários do SPI e, posteriormente, Fundação Nacional do Índio, FUNAI, como sendo Terena. Esta, talvez, seja a razão pela qual Roberto Cardoso de Oliveira, em seu livro *Do índio ao Bugre: Um processo de assimilação dos Terena* (1976:27), tenha sido induzido a afirmar sobre o desaparecimento desse povo como grupo e como indivíduo.

É sabido que a maior concentração de índios Kinikinau, encontra-se na aldeia São João, Território indígena Kadiwéu, município de Porto Murtinho e os demais, dispersos em pequenos grupos familiares, encontram-se em Território Indígena Terena na Aldeia Brejão (Nioaque) e Aldeia Lalima (Miranda).

VOCABULÁRIO

A escola tem exercido importante papel neste processo, pois seus professores, na grande maioria, são professores índios Kinikinau e falantes da língua, o que contribui para que seja possível esta revitalização cultural.

Na aldeia São João, município de Porto Murtinho, a maioria dos habitantes é composta por índios Kinikinau e a educação escolar atende aos alunos do ensino fundamental, da primeira a oitava séries.

Desde as séries iniciais do Ensino Fundamental, é oferecida a disciplina de língua indígena, na qual é enfatizada a expressão lingüística kinikinau, direito assegurado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei N.º 9.394 de 20 de dezembro de 1996, no artigo 32, § 3º, pela Constituição Federal, artigos 210, 215 e 231, os quais garantem aos índios brasileiros o respeito às suas expressões culturais, utilização de suas línguas

maternas e processos próprios de aprendizagem, Isso deve-se ao reconhecimento de que o Brasil é um país pluriétnico, e asseguram aos alunos índios direito a uma educação bilíngüe e diferenciada, respeitando seus processos próprios de aprendizagem, bem como a utilização da língua étnica na escola.

A língua é trabalhada desde a primeira série, apesar disso não podemos caracterizar a escola como bilíngüe, uma vez que os alunos têm como língua materna a língua portuguesa e adquirem conhecimentos sobre a língua indígena como uma segunda língua durante as aulas em apenas uma das disciplinas oferecidas.

O trabalho realizado durante as aulas da disciplina de língua indígena é iniciado com apresentação de listas de palavras contendo nomes de lugares, animais, pássaros, partes do corpo, objetos de uso cotidiano e outros substantivos. Gradativamente, o professor vai apresentando frases e expressões e traçando paralelo entre a estrutura das frases em língua portuguesa e a língua indígena e só nas séries finais trabalha com traduções de textos nas duas línguas.

A seguir apresentamos algumas palavras utilizadas no processo comunicativo dos Kinikinau. Observe, pois:

Água – ûne
Árvore – tikôti
Boca – poho
Brinco – kâké
Cabeça ou cabelo – tuti
Cabelo – tûti
Cabelo bem enroladinho – cabelo crespinho – Sipuhupuiti
Caburé – xowoxowó
Cachorro – tomiuku
Campo – Mêum
Campo Grande – Hanití mêum
Capim – he'ê
Criança – kaliwonó
Dente – o'ê
Dolorido – simiati
Ecorpião – xopilópenoti
Estudar – ehakexowoti
Eu estou muito alegre por a senhora estar na minha casa – ilukentí simenoti xowongu
Farinha – hamokó
Fruta – hiú
Gato – piririu
Homem – hoyenó
Língua – nenê
Mangueiro – kurapi
Mato – ho'i
Nariz – ki|i*
Olho – uké

Orelha – kenó
Pé – hêwe
Peixe – ho'e
Pelado – lala
Pescoço – anu
Piquete – owoku waka
Polaco – lalânuti
Porco – kuré
Queixo – noyó
Socó – wiriwotó
Tatu – kopi'e
Testa – inukú
Vaca – wâca
Vou sonhar com a senhora – jopuxopomuti
Bonito – uhe'ekoti
Estrela azul – honono'iti hikere
Papagaio (ave) – ko'eru
Laranja – naranga
Veadado – tîpe
Feio – kaimaiti
Criança – kaliwonó
Jacaré – weteté
Bugio – tokoró
Minha terra – (awaina)boke'exa
Chuva – uko
Bonito, belo – exoketí
Mulher – seno
Melão – merum
Gente, pessoa – xané
Já sei – enjuâne
Sol, dia – kaxé
Cavalo – kamóm
Onça – sini
Moça – arunoen
Fica – owati
Aqui – yãye
Minha casa – owongu
Sua casa – yowoko
Nossa casa – wowoku
Casa – owokuti
Livro – koyuhopeti
Comprar – wanêun
Já li – yunzoikuane
O – ne
Eu – ûndi
Você – îti
Nós – ûti

Vocês – îti hiko
Jogar – kurikuá
Bola - epoiene

A título de informação, na língua Kinikinau o grafema {r}, como vibrante múltipla, escreve-se [h] e como vibrante simples, escreve-se [ɺ]. A utilização deste símbolo é uma sugestão recente da Professora Filomena (UNICAMP), durante capacitação ocorrida na aldeia Bodoquena, em julho de 2004. Obviamente, há necessidade de maiores estudos a respeito da língua.

TIPOLOGIA LINGÜÍSTICA

De acordo com da Silva e de Souza (2004:4), pouco ou nada tem sido feito sobre a língua dos kinikinau. Observe:

Nem mesmo os estudos acadêmicos têm-se preocupado com os kinikinau em Mato Grosso do Sul, pois até o momento não há estudos lingüísticos e aqueles de caráter histórico e antropológico os consideram como extintos por não possuírem um território físico demarcado.

Dizem os pesquisadores que *somente uma escola que esteja a serviço do próprio grupo poderá se constituir num dos caminhos para consecução dos seus objetivos.*

No Encontro de Bonito (MS), 2004, na realização do Seminário do povo kinikinau, promovido pela Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul, em contato com o professor indígena Inácio Roberto, obtivemos informações tipológicas genéricas sobre a língua kinikinau.

A ordem canônica, grosso modo, seria verbo+objeto+sujeito, o determinante vem antes do nome e o adjetivo precede o substantivo. Portanto, a classificação tipológica da língua kinikinau obedeceria, preponderantemente, às seguintes disposições:

V O S
Det + N
Adj + Subst.

Examine os exemplos¹ que seguem:

1. O menino jogou bola.
Kuriduâ epo'e ne kaliwôno
Jogou bola o menino

¹ A tradução das sentenças foi feita pelo professor indígena Inácio Roberto e a interpretação pelo professor Rosaldo Abulquerque.

2. O livro que comprei, já li.
 Yunzoi kuane ne kayuhópeti wanêun
 Já li o livro comprei
3. A moça bonita fica aqui.
 Owati exoketi arunoen yayê
 Fica bonita moça aqui
4. Menina bonita.
 Exoketi sêno kaliwôno
 Bonita mulher criança
5. Minha casa.
 Owongu
6. Sua casa.
 Yowoko
7. Nossa casa.
 Wowoku
8. Pronomes:
 eu: ûndi
 você: îti
 nós: ûti
 vocês: îti hiko (plural)
9. Os homens vieram.
 Keno'oko hou hoyeno hiko
 Vieram todos homem plural
10. O menino vendeu a fruta.
 Kawania há'i ne kaliwôno
 Vendeu fruta complemento criança (menino/menina)
11. Os meninos chegaram à escola.
 Sîmó hou ihakexowoti xo ihakexowokuti
 Chegaram todos (pl.) alunos na/no escola (casa de ensinar)
12. A moça faz cerâmica.
 Ipôti² ne arunôen
 Fazer compl. Moça

² Ipôti é genérico para dizer que alguém está fazendo algo com as próprias mãos. O entrevistado não soube dizer se existe palavra específica para “fazer”.

13. Os meninos tiraram boas notas.

Weyeá	unati	nôtana	hou	kaliwôno	hiko
Tiraram	bom/boa	nota	plural	crianças	plural

14. O cachorro é bravo.

Ipohokowoti	ne	tamuku
Bravo	compl. (ligação0	cachorro

15. A onça correu atrás do menino.

Ihakowo	ikéneke	kaliwôno	ne	sîni
Correu	atrás	criança	compl.	Onça

16. Eu como fruta.

Ningá	há'i
Como	fruta

17. Vamos embora?

Hingá?

Expressão utilizada para a pergunta e resposta.

Exemplo: – Vamos embora?

– Vamos.

Por ocasião da coleta de dados, o Professor Inácio Roberto, em sua entrevista, disse-nos o que segue:

Como a língua predominante dos alunos é a língua portuguesa, o trabalho é iniciado desde a primeira série do ensino fundamental. Nas séries iniciais a língua indígena é trabalhada por meio de listas de palavras, nomes, substantivos... Para as outras séries, utilizam-se estruturas de frases, fazendo paralelo com a língua portuguesa. Quando eles já entendem frases em kinikinau, passam a fazer tradução de texto em kinikinau. Não é possível traduzir o texto ao pé da letra, é preciso ler, contextualizar e interpretar o texto para atingir o sentido geral.

Observa-se com isto que a escola é o grande esteio para preservação da língua, porque nas famílias o diálogo é feito, de certo modo, em língua portuguesa. Os mais velhos procuram falar kinikinau e, às vezes, não entendem o português. Não é comum na família todos falarem kinikinau. Acrescente-se, ainda, que nem todas crianças têm interesse em falar a sua língua. Aham o português mais fácil.

Por fim, outro professor kinikinau, Rosaldo de Albuquerque Souza, afirma que:

A escola tem interesse em ensinar a língua kinikinau, mas ainda falta alguma coisa a mais para incentivar os alunos. Acho que falta uma assessoria na elaboração de um

*programa e material consistentes para motivar os alunos.
Falta, também, incentivo dos pais.*

CONCLUSÃO

Por fim, é importante dizer que a pesquisa foi realizada com nove pessoas, o equivalente a cinco por cento da população kinikinau, residentes na Aldeia São João, território indígena Kadiéw, localizado em Porto Murtinho.

Observou-se que o grupo tem procurado preservar a língua ou dialeto que fala, nos contatos familiares e na escola, como também a cultura, manifestada , principalmente, pela vestimenta, dança kinikinau e pelo artesanato.

Reconhecidos como Grupo Kinikinau pela Carta de Bonito, elaborada em junho de 2004, partem em busca do seu território, o que seria, segundo da Silva e de Souza (2004:5):

Um lugar kinikinau, onde possam reconstruir a memória do grupo, institucionalizando o espaço por meio dos ritos e dos mitos, assegurando, dessa forma, a continuidade da presença histórica kinikinau.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, P. E. *Educação Escolar Indígena em Mato Grosso do Sul: Algumas Reflexões*, Campo Grande-MS, 2002.

DA SILVA, G. J. e DE SOUZA, J. L. Os kinikinau em Mato Grosso do Sul: (in)visibilidade de um grupo indígena, 2004. (mimeo)

OLIVEIRA, R. C. de. *Do Índio ao Bugre: processo de assimilação dos Terena*, 2ª Ed, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

SEKI, L. A Lingüística Indígena no Brasil. In: *D.E.L.T.A.* Vol.15, N.º Especial, 1999 (291-321).